

J. PINTO PEIXOTO ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ J. TIAGO DE OLIVEIRA ▪ J. CAMPOS FERREIRA
MARGARITA RAMALHO ▪ A. RIBEIRO GOMES ▪ ARMANDO POLICARPO ▪ F. DUARTE SANTOS
J. GOMES FERREIRA ▪ L. A. MENDES VICTOR ▪ MANUEL LARANJEIRA ▪ M. GOMES GUERREIRO
J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA ▪ ROBALO CORDEIRO ▪ J. CELESTINO DA COSTA ▪ A. CASTRO CALDAS
BARAHONA FERNANDES ▪ ARANTES E OLIVEIRA ▪ A. F. CARVALHO QUINTELA ▪ A. BARBOSA
DE ABREU ▪ GOUVÊA PORTELA ▪ L. BRAGA CAMPOS ▪ J. J. DELGADO DOMINGOS ▪ A. F.
OLIVEIRA FALCÃO ▪ DOMINGOS MOURA ▪ H. CAMPOS NETO ▪ A. LARCHER BRINCA ▪ J. F.
QUINTINO ROGADO ▪ M. AMARAL FORTES ▪ M. BAPTISTA BRAZ ▪ M. PEREIRA COUTINHO
FERNANDO ESTÁCIO ▪ P. O. PEREIRA SANTOS ▪ A. A. MONTEIRO ALVES ▪ BRITALDO RODRI-
GUES ▪ L. AIRES DE BARROS ▪ MATOS ALVES ▪ M. PORTUGAL FERREIRA ▪ ANTÓNIO RIBEIRO
FRANCISCO GONÇALVES ▪ TELLES ANTUNES ▪ LUÍS ARCHER ▪ J. MONTEZUMA DE CARVALHO
J. FIRMINO MESQUITA ▪ ABÍLIO FERNANDES ▪ J. MALATO-BELIZ ▪ ARSÉNIO PATO DE
CARVALHO ▪ A. XAVIER DA CUNHA ▪ ALLEN DEBUS ▪ J. SIMÕES REDINHA ▪ SEBASTIÃO
J. FORMOSINHO ▪ A. M. A. ROCHA GONSALVES ▪ L. ALMEIDA ALVES ▪ OLIVEIRA CABRAL
FRAÚSTO DA SILVA ▪ JOSÉ V. PINA MARTINS ▪ AMÉRICO COSTA RAMALHO ▪ FERNANDO
REBELO ▪ C. ALBERTO MEDEIROS ▪ ILÍDIO DO AMARAL ▪ MANUEL GARRIDO ARAÚJO
MANUEL VIEGAS GUERREIRO ▪ A. SIMÕES LOPES ▪ A. SOUSA FRANCO ▪ ONÉSIMO T. ALMEIDA
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA ▪ FRANCISCO GAMA CAEIRO ▪ RÓMULO DE CARVALHO

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉC. XX

III VOLUME



PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LISBOA • 1992

EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS DA GEOGRAFIA HUMANA PORTUGUESA NO SÉCULO XX

CARLOS ALBERTO MEDEIROS *

Summary

Apart from the precursor works in the years 800, it may be mentioned that portuguese human geography appears in the beginning of our century, with its introduction in university; Silva Telles and Orlando Ribeiro in Lisbon and Amorim Girão in Coimbra had the most important role in this matter. Until the second half of the sixties, the number of geographers was very scarce, and the French school had a great methodological influence; rural geographical works were considerable as well as others in which human geography appears integrated in regional synthesis. Afterwards, studies became more specialized due to the country's changes (progressive industrial development from 1960, instauration of a democratic regimen in the sequence of the 1974 revolution), diffusion of new methodological currents and the increase in the number of geographers. It is also noted the great interest in the practical application of some works, and the using of diversified techniques in data analysis, with statistical application more and more complex in the available elements. Geographers have been increasingly called for planning works besides lecturing, which absorbes a greater part of them.

Pode dizer-se que a Geografia humana portuguesa nasceu nos começos do nosso século, com a sua introdução no elenco das disciplinas do ensino superior. Não é possível esquecer, decerto, antecedentes mais ou menos significativos. Desde cedo começaram a aparecer descrições de terras portuguesas ou mesmo do conjunto do país, outras, de sucessivas áreas que, no decurso da expansão, se iam reconhecendo. Impõe-se

* Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

salientar ainda, no século XIX, a obra de Bernardino Barros Gomes (1839-1910), silvicultor de formação, mas autor de trechos de rico conteúdo geográfico, entre os quais avulta a obra *Cartas Elementares de Portugal* (Lisboa 1878); por isso mesmo já foi considerado fundador, ou um dos fundadores, da moderna Geografia científica no nosso país, em dois artigos que sobre ele escreveu Orlando Ribeiro (veja-se ainda do mesmo autor, 1970, p. 5-6).

Por outro lado, podem também citar-se antecedentes oitocentistas de ensino universitário de Geografia, tendo sido editado em 1830, na Universidade de Coimbra, um compêndio «para apoiar o ensino dessa disciplina» (Jorge Gaspar e António Gama, 1981, p. 67); sabe-se ainda da sua existência «na 'Aula de Aritmética, Geometria, Geografia e Cronologia', do Real Colégio das Artes», também em Coimbra (Ilídio do Amaral, 1981b, p. 23).

Contudo, só em 1904 nos surge verdadeiramente o primeiro professor universitário de Geografia, Francisco Xavier da Silva Telles (1860-1930), que concorreu a esta cadeira do Curso Superior de Letras de Lisboa, com a tese *A Concepção das Unidades Geográficas. Introdução à Antropogeografia*. Silva Telles, natural de Goa, era médico naval, mas aproveitou a oportunidade de estudar Antropologia em Paris. Pouco interessado pela investigação de campo, era dotado de grande erudição, esforçou-se por seguir de perto o movimento científico da Geografia, participou em congressos internacionais e fazia, com facilidade, exposições fluentes de âmbito diverso.

Na Universidade de Coimbra, o ensino regular da Geografia coube, por seu turno, a um professor de formação geológica e geofísica, Anselmo Ferraz de Carvalho; recebeu um impulso decisivo por parte de Aristides de Amorim Girão (1895-1960), que começou a ensinar em 1918 e elaborou a primeira dissertação portuguesa de doutoramento em Geografia, publicada em 1922 (*Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*). Ao contrário de Silva Telles, Amorim Girão, que viria a patrocinar a criação do Centro de Estudos Geográficos de Coimbra em 1942, baseou os seus primeiros trabalhos em minuciosas investigações de campo.

Entretanto, ganhava vulto rapidamente o geógrafo português de maior nomeada, Orlando Ribeiro (n. 1911), que se doutorou muito novo, em 1936, pela Universidade de Lisboa, e aprofundou logo a seguir, na Sorbonne, a sua formação geográfica, tendo trabalhado com grandes Mestres, como de Martonne e Demangeon. Professor da Universidade de Coimbra em 1941 e da de Lisboa em 1943, promoveu nesta a criação

do Centro de Estudos Geográficos, pelo Instituto de Alta Cultura, no mesmo ano, abalançou-se a impulsionar o primeiro Congresso Internacional de Geografia realizado depois da segunda guerra mundial (Lisboa, 1949), de que foi o principal organizador, e tornou-se um dos vice-presidentes (1949) e depois primeiro vice-presidente (1952) da União Geográfica Internacional.

A partir do seu enraizamento no ensino universitário, a Geografia humana portuguesa vai evolucionar e desenvolver-se, até à segunda metade dos anos 60, em função de determinados objectivos, condicionamentos e orientações metodológicas. Entre os primeiros sobressaem o conhecimento do país e dos seus domínios coloniais, ao qual se aplicaram empenhadamente os investigadores da matéria, bem como a elaboração, mais ou menos desenvolvida, mais ou menos apurada, de sínteses relativas ao conceito, métodos e conteúdo da própria Geografia humana, que progressivamente se difundia entre nós. Quanto aos condicionamentos, não podem esquecer-se o pequeno número de geógrafos existente e as próprias características do país, com base económica essencialmente rural, escasso crescimento urbano e industrial (que só se começa a acentuar entre as décadas de 50 e 60), fortemente apoiado nos seus territórios coloniais, para além de apresentar carências várias, por exemplo a nível do seu aparelho estatístico. As orientações metodológicas reflectem o predomínio da influência da escola francesa — o que não significa impermeabilidade quanto a outras tendências — e a frequente integração das investigações de Geografia humana em trabalhos de Geografia regional, portanto de âmbito mais lato, com articulação dos elementos físicos e humanos do ambiente geográfico.

As primeiras sínteses sobre as características geográficas do conjunto do país — breves, embora —, elaboradas pelos investigadores citados, integram-se evidentemente neste âmbito da Geografia regional, mas não podem deixar de ser aqui referidas, pela parte significativa que nelas se concede à Geografia humana. Curiosamente, foram circunstâncias acidentais que levaram à preparação destes trabalhos, da autoria de Silva Telles e de Ferraz de Carvalho: o primeiro colaborou nas obras colectivas que acompanharam as exposições nacionais do Rio de Janeiro (1908) e de Sevilha (1929); o segundo, numa *Geografia Universal*, editada em Barcelona (1929). Entretanto, o primeiro trabalho desenvolvido sobre a geografia de Portugal deve-se a um estrangeiro, o alemão Hermann Lautensach (2 vols., 1932-37); nesta obra, elaborada segundo métodos modernos, o primeiro volume trata do país no seu conjunto, focando os

diversos temas geográficos, e o segundo, da divisão regional. Na parte geral, e no respeitante à Geografia humana, referem-se: os fundamentos históricos; a vegetação espontânea e subespontânea (entendida, na sua fisionomia, como resultante da acção dos elementos físicos, estudados nos primeiros capítulos, e do homem); a paisagem agrária; a criação de gado, a pesca, as minas e a indústria (com a primeira destacada do capítulo sobre florestas, árvores cultivadas e campos, e associada, no seguinte, aos três sectores económicos citados); a população; o povoamento e os transportes. Pouco depois, aparecia a *Geografia de Portugal* de Amorim Girão (1941; edições posteriores em 1949-51 e 1960), também com amplo desenvolvimento concedido à parte de Geografia humana, repartida essencialmente por quatro capítulos: povoamento humano (aspectos históricos, tipos de povoamento rural e urbano); movimento e mobilidade da população, recobrando os diversos aspectos demográficos; actividade económica, considerada coerentemente em conjunto, nos seus vários sectores; organização política e expansão marítima (com alguns dados de Geografia política e referência aos problemas da formação do estado português e da expansão). A obra, concebida em boa parte com intuito de divulgação, nem sempre apresenta travejamento científico seguro. O livro de Orlando Ribeiro sobre o assunto, difundido em versão castelhana (1955), sólido e actualizado na informação, apresenta a disposição tradicional dos temas de Geografia humana, partindo dos fundamentos históricos do país e passando à população, vida rural, povoamento e circulação, vida litoral e traços essenciais da economia. Note-se nesta sequência, assim sumariamente apresentada, o peso dos condicionamentos impostos pelas características que então evidenciava o país: a parte relativa às cidades é muito sucinta e inclui-se discretamente no capítulo sobre o povoamento; também breve é a referência à actividade industrial, subdivisão doutro capítulo, o que está consagrado aos traços essenciais da economia.

Entretanto, o mesmo autor havia publicado já uma obra de menores dimensões, que constitui notável ensaio sobre as influências geográficas presentes no território continental e o modo como interferem umas com as outras: *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, título que deixa antever aquele propósito, constitui um dos trabalhos de O. Ribeiro mais difundidos e melhor concebidos; a 1.ª edição data de 1946 e seguiram-se outras em 1963, 1967, 1986 e 1987.

Deve referir-se aqui também outro pequeno livro dedicado à geografia de Portugal, da autoria do francês Pierre Birot (1950), conden-

sado, sólido, dando grande relevo à parte regional, com amplas referências em matéria de Geografia humana.

Ao mesmo tempo que apareciam estes importantes contributos para o conhecimento do conjunto do país (território continental, apenas sendo estudados os arquipélagos da Madeira e dos Açores nas 2.ª e 3.ª edições da *Geografia de Portugal* de Amorim Girão), alguns autores sentiram a necessidade de concretizar a definição, os princípios metodológicos e os grandes temas da Geografia humana. No estrangeiro, pode dizer-se que um movimento no mesmo sentido se iniciara com a publicação da *Antropogeografia* de Ratzel, em 1892, seguindo-se diversas outras obras sobre o assunto. Era natural que os primeiros professores universitários portugueses de Geografia pretendessem também explicitar os seus pontos de vista em relação a um domínio do conhecimento cujos contornos se precisavam com alguma controvérsia, mas que cada vez mais ganhava solidez e relevância.

Referiu-se já atrás o trabalho de concurso de Silva Telles. Para além do êxito que alcançou, tendo em vista a finalidade com que foi elaborado, e sem esquecer que «revela grande extensão e variedade de conhecimentos», a verdade é que «possui directriz metodológica pouco firme» e constitui sobretudo um «simples exercício de virtuosismo concursivo» (O. Ribeiro, 1976, p. 15-16). Mais tarde, o mesmo autor produziu extenso artigo, «O Conceito Científico da Geografia», apoiado em bibliografia variada e no qual se faz um balanço das grandes orientações em presença, acompanhado de comentários e reflexões pessoais (1916). Silva Telles toma posição contra uma geografia essencialmente descritiva e adopta uma orientação naturalista ou sintética, chamando a atenção para as relações entre os fenómenos ligados ao relevo e ao clima, os que dizem respeito à vida vegetal e animal e os que se ligam à «cobertura humana considerada biológica e antro-po-socialmente nos seus movimentos» (O. Ribeiro, 1976, p. 19-22).

Alguns anos depois, Amorim Girão publicou na revista *Biblos* as suas «Lições de Geografia Humana» (vols. IX a XII, 1933 a 1936), depois reunidas em volume (1936). Embora com algumas limitações, muito ligado à classificação de Jean Brunhes quanto às formas de acção do homem sobre a Terra, concedendo demasiada atenção a autores menores, Amorim Girão realizou uma tarefa de valor pedagógico apreciável para a época, até pelo seu carácter pioneiro entre nós — facto que sempre acarreta riscos inevitáveis. No fundo, Amorim Girão aceita o conceito de Geografia humana como estudo das transformações introduzidas pelo

homem na superfície da Terra, embora com a ressalva das influências do ambiente físico sobre aquele, que acentua um tanto exageradamente, mas chega a afirmar que «em última análise a *Geografia Humana*» trata «do estudo das relações do homem com o meio geográfico em que vive» (*Biblos*, IX, p. 686). «Em face das ciências vizinhas ou afins», «ciências que têm o homem por objecto das suas investigações», a Geografia humana derivaria «em grande parte da necessidade que há em dar à acção do meio geográfico sobre o homem — ou, melhor, às relações do homem com o território que habita — o lugar de relevo que por direito lhe pertence» (*Biblos*, IX, p. 686 e 688). Não resulta muito clara a articulação deste tipo de estudos, que são afinal, por seu turno, *estudos do homem*, com o conceito acima referido. E, embora discorde, com toda a justeza, da distinção rígida entre o estudo da acção da natureza sobre o homem e a deste, como ser dinâmico, ao implantar no ambiente físico as marcas da sua ocupação, é nesta distinção que o autor baseia a segunda parte do seu trabalho, na qual um dos capítulos contempla o primeiro aspecto e outro, o segundo.

Seja como for, não pode deixar de sublinhar-se a relevância desta tentativa de sistematização, empreendida entre nós em meados dos anos 30 do nosso século. Amorim Girão retomá-la-ia posteriormente, com o título de *Geografia Humana* (1946), alargando consideravelmente o texto, introduzindo novos desenvolvimentos e enriquecendo-o com variadas figuras e gravuras. Nesta versão, o autor precisa com mais clareza a definição de base que adopta: «A 'Geografia Humana' estuda (...), muito concretamente, a acção modificadora que o homem exerce sobre a face da terra» (p. 64). De qualquer forma, concebida para um leque mais amplo de leitores, em parte com intuitos de divulgação, faltam por vezes a esta obra a sobriedade e o equilíbrio necessários (cf. J. M. Pereira de Oliveira, 1985, p. 140-141).

Desde cedo, O. Ribeiro começou, por seu turno, a explicar o modo como concebia a Geografia humana e as orientações metodológicas segundo as quais se deveria estruturar aquele domínio do conhecimento. Contribuições diversas sobre este tema encontram-se reunidas no volume primeiro (e até agora, único) dos *Ensaio de Geografia Humana e Regional* (1970), desde um breve artigo dos tempos de juventude, publicado em 1934, e com saliência para o opúsculo, rico de substância e reflexões pessoais, «Atitude e Explicação em Geografia Humana», aparecido em 1960, em volume avulso.

Na linha da escola geográfica francesa, que influenciara também Amorim Girão, O. Ribeiro admite que a Geografia humana tem como objecto a descrição e interpretação das paisagens humanizadas do Globo, o estudo das marcas que o homem imprime à superfície da Terra, como resultado da sua actividade, da sua maneira de viver. Assim entendida, a Geografia humana é apenas uma face, um aspecto das Ciências da Terra, da Geografia; ou melhor, aquela face, aquele aspecto em que estas são recobertas por outro grupo de ciências, diferentes no espírito e nos métodos, as Ciências Humanas. Integrar nestas a Geografia humana, como, sobretudo ultimamente, pretendem alguns autores, pode conduzir a certa imprecisão no conceito e nos métodos. Evidentemente, a interpretação em Geografia humana exige que o investigador trilhe os caminhos de ciência afins, como é o caso da História, da Etnologia (Antropologia cultural), da Sociologia, da Economia, mas sempre na medida em que, fazendo-o, contribua para esclarecer o objectivo em causa, que se apontou.

Na esteira de Pierre Gourou, considera O. Ribeiro que a civilização, tal como aquele autor a define (conjunto de técnicas de domínio da natureza e de organização do espaço) é um elemento fundamental da interpretação em Geografia humana: porém, não tão acentuadamente como ele, ponderando detidamente as influências do ambiente físico nas características genéticas das civilizações, cujas marcas são perduráveis.

Na sequência do seu ensino, pensava O. Ribeiro publicar um livro relativamente desenvolvido sobre o conjunto de matérias da Geografia humana, o qual designaria por «Iniciação», na forma duma sequência de lições, com o cunho pessoal que estas implicam e sem a subordinação à estrutura rígida dum compêndio ou manual. O livro acabou por sair recentemente (1986), mas, pela força implacável do destino e a interferência de investigações que solicitaram a atenção preferencial do autor, ficou incompleto (o mesmo aconteceu a outro trabalho do género, 1987, sobre Geografia regional, com amplo tratamento de matéria de Geografia humana); basta comparar o «esboço de um programa analítico», incluído no fim do volume, com os temas efectivamente versados, para se ter uma ideia de como estes constituem apenas os pontos introdutórios daquele (breve introdução metodológica, que deveria ser retomada adiante, origem e difusão do homem, limites da ecúmena, contrastes de densidades populacionais, raças, modos de vida, exemplos da interferência entre ambientes e civilizações). Deve chamar-se a atenção para algumas páginas sobre «o elemento humano na Geografia» (p. 15-24),

onde o autor retoma e, nalguns aspectos, precisa ou aprofunda, com a clareza habitual, as suas ideias sobre o conteúdo e a orientação metodológica em Geografia humana, a que acima se fez alusão.

É nítido o relevo da influência dos geógrafos franceses nestes trabalhos, conforme tem sido referido. Aliás, deve citar-se também aqui a excelente tradução que o professor da Universidade de Coimbra Alfredo Fernandes Martins fez dos *Principes de Géographie Humaine* de Paul Vidal de La Blanche, enriquecendo o texto com um esclarecedor prefácio, notas diversas e muita ilustração (1946). Mas todos os autores portugueses citados se mostram a par da produção bibliográfica verificada noutros países e, inclusivamente, Silva Telles, segundo testemunho de O. Ribeiro, não escondia a sua predilecção pela geografia inglesa, americana e alemã (1976, p. 13).

De qualquer forma, foi aquela influência prevalecente que marcou a generalidade dos trabalhos elaborados até à segunda metade dos anos 60. Como se disse, em muitos deles o estudo da Geografia humana insere-se em investigações mais amplas, de Geografia regional, nelas ocupando, por via de regra, parte muito significativa. É o caso, para só referir três exemplos, do já citado livro sobre a bacia do Vouga, da autoria de Amorim Girão (1922), do de Virgílio Taborda sobre o Alto Trás-os-Montes (1932), que constituiu, tal como o anterior, uma dissertação de doutoramento, do de A. Fernandes Martins sobre a bacia do Mondego (1940), que, apesar do seu carácter de dissertação de licenciatura, aprofunda desenvolvidamente o tratamento dos vários assuntos. Em todos estes trabalhos o traço da Geografia humana a que se confere maior relevância é o respeitante à vida rural, não só por aí se surpreenderem melhor as relações entre o ambiente físico e a actividade humana, mas também pelo especial significado que efectivamente assumia no contexto geográfico e económico do país.

Aliás, foi ao estudo da Geografia rural portuguesa que O. Ribeiro consagrou parte significativa dos seus trabalhos nas décadas de 40 e 50 (paisagem agrária, pastoreio, povoamento rural; consulte-se a sua bibliografia em Ana Amaral e Ilídio do Amaral, 1984), os quais apareceram de certo modo condensados nalgumas das suas contribuições para o *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão («Agricultura», «Aldeia», «Milho», «Povoamento», 1963-71). De alguma forma ainda dentro da mesma temática, e aprofundando aspectos da sua orientação metodológica, se enquadra o trabalho sobre contrastes nos mate-

riais de construção utilizados na casa rural portuguesa e formas de cobertura das habitações no Sul (1961).

Entretanto, outros temas de Geografia humana atraíam também as atenções, como o estudo das cidades, exemplificado, entre outros, por trabalhos de Amorim Girão sobre Viseu (1925), de O. Ribeiro sobre Lisboa (por exemplo, 1938), de A. Fernandes Martins sobre Coimbra (1951). Devem referir-se ainda, para além das que incluíram nos seus livros sobre a geografia de Portugal, as sínteses quanto ao assunto, da autoria de Amorim Girão (1945) e Orlando Ribeiro (1963c). Também no que respeita à população, começaram a aparecer alguns estudos de âmbito geográfico, como os que Amorim Girão publicou na revista *Biblos*, em colaboração com Fernanda Velho, entre 1944 e 1948.

Note-se que, desde 1950, as investigações geográficas passaram a dispor duma publicação periódica que facilitou a sua difusão, o *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, de Coimbra. Nele colaborou activamente Amorim Girão, o seu principal animador, tendo aparecido um conjunto de 13 fascículos, com regularidade que foi afrouxando nos últimos números, dos quais o derradeiro, n.º 22-23, data de 1966-67.

Verifica-se, por outro lado, que a orientação regional em estudos relativos ao território continental se perdeu gradualmente. É certo que o Congresso Internacional de Geografia, reunido em Lisboa, em 1949, deu origem à elaboração de valiosos livros-guias de excursões, que dão uma boa imagem da diversidade regional (física e humana) desse mesmo território; mas não se pode esquecer que, por força, os seus planos se apresentam subordinados aos itinerários daquelas e dizem respeito a espaços mais ou menos heterogéneos. Há que referir também o estudo do Algarve elaborado por um geógrafo italiano, onde é sensível a influência metodológica de O. Ribeiro (Gaetano Ferro, 1956).

O precoce diluir da referida orientação regional, anterior à especialização crescente dos estudos de Geografia humana, terá de relacionar-se em boa parte com o escassíssimo número de geógrafos portugueses, para mais solicitados também pela investigação na Madeira, nos Açores e nas antigas colónias. Um dos mais fecundos rumos de investigação da escola geográfica de Lisboa foi o estudo de diversas ilhas, encarado em termos monográficos. Ficaram assim estudadas, entre 1949 e 1968, as ilhas da Madeira e do Fogo, por O. Ribeiro, de S. Miguel e do Príncipe, num livro e num artigo de Raquel Soeiro de Brito, de S. Tomé, por Francisco Tenreiro, de Santiago, por Ilídio do Amaral, do Corvo, por Carlos Alberto Medeiros e da Graciosa, por António de Brum Ferreira.

Uma primeira tentativa de síntese de todos estes estudos, no que respeita à ocupação humana, foi elaborada por C.A. Medeiros, 1969; neste trabalho se encontram as referências bibliográficas das monografias das ilhas, na maior parte das quais a análise do ambiente físico parece aligeirada, como dado preliminar a tomar em conta. Muito recentemente, esta linha de pesquisa foi retomada por José Guilherme Fernandes, num trabalho sobre a Terceira (1985).

Como se vê pelo enunciado das ilhas estudadas, começava também a fazer-se investigação nos territórios coloniais. Não me detenho sobre o assunto, já que o estudo das regiões tropicais será objecto duma comunicação a apresentar a este Colóquio por Ilídio do Amaral.

Nesta evolução da Geografia humana portuguesa, conforme tem sido referido, pode situar-se há uns 20 anos ou pouco mais o começo duma nova fase, caracterizada não só pela progressiva especialização das investigações realizadas, como pela difusão de novas correntes metodológicas, o interesse muito vivo pela aplicação prática de alguns trabalhos e a utilização de técnicas diversificadas de análise dos dados, com recurso ao tratamento estatístico cada vez mais sofisticado dos elementos disponíveis e, nos últimos anos, a meios informáticos de complexidade crescente. Para estas transformações contribuiu sem dúvida, além do movimento científico da Geografia em geral, que não deixou de se reflectir no nosso país, o aumento significativo do número de geógrafos, particularmente dos que exercem a sua actividade a nível do ensino superior e, assim enquadrados, concretizam a parte mais significativa das investigações realizadas e têm oportunidade de estagiar em universidades e instituições científicas estrangeiras, por períodos mais ou menos longos. Mas as modificações registadas no país intervieram também: assim, o sensível crescimento industrial e urbano a que já se aludiu, a própria mudança de regime político operada em 1974 (sem a qual, por exemplo, não teria sido possível o desenvolvimento de estudos de Geografia eleitoral portuguesa), o aperfeiçoamento e diversificação do aparelho estatístico nacional. Por último, haverá que lembrar as facilidades cada vez maiores de relações internacionais, por vezes no âmbito de projectos de investigação. Ao mesmo tempo, verifica-se a tendência, ainda que tardia no nosso país, de incluir progressivamente geógrafos nos grupos incumbidos de tarefas de planeamento com âmbito diverso.

Em 1966, o Centro de Estudos Geográficos de Lisboa encetou a publicação da revista *Finisterra*, que chegou até aos nossos dias, com um ritmo de dois números por ano (em média, 150 a 200 páginas,

cada um), e se tem revelado excelente veículo de difusão das investigações geográficas em Portugal, para além de reunir colaboração de prestigiados geógrafos estrangeiros. Entretanto, de 1965 a 1973 a Sociedade de Geografia de Lisboa fez sair a revista *Geographica*, de índole diferente, tendo em vista um leque mais diversificado de leitores, e constituída por estudos condensados, dos quais parte significativa dedicada a temas de ciências vizinhas da Geografia humana, designadamente a Antropologia cultural. Muito recentemente, foram lançadas duas novas revistas, *Cadernos de Geografia*, em 1983, pelo Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Coimbra (que tomou o lugar do antigo Centro de Estudos Geográficos) e *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, em 1985, pela secção de Geografia daquela Faculdade da Universidade do Porto. A referida secção começou a funcionar em 1972 e há agora quatro Universidades que conferem o grau de licenciado em Geografia (Lisboa, Coimbra, Porto e Universidade Nova de Lisboa). Além disto, incluídas em diversos cursos doutras instituições de ensino superior, têm surgido também cadeiras de Geografia. Facto significativo deste surto é o acentuado aumento do número de doutoramentos em Geografia. Depois do de Amorim Girão, em 1922, houve 3 nos anos 30, outros 3 nos anos 40, 2 na década de 50 e de novo 2 na de 60. A partir de 1972, altura em que o número de doutoramentos era portanto de 11, foram apresentadas 25 dissertações (13 depois de 1985), cabendo o maior número à Universidade de Lisboa (17); a de Coimbra figura com 6, a do Porto com uma e a dos Açores também com uma. Note-se que, destas 25 dissertações, 17 se integram no âmbito da Geografia humana, havendo ainda uma de Geografia regional e outra de Cartografia.

É neste contexto que se dá a natural especialização dos estudos produzidos. Ao mesmo tempo, difundem-se outras orientações metodológicas, ligadas à chamada «Nova Geografia», a correntes anglo-saxónicas que se tinham mantido pouco conhecidas em Portugal, a interpretações baseadas nos princípios do pensamento marxista, estas últimas muito correntes na sequência do 25 de Abril de 1974. De qualquer forma, esta evolução não conduziu à elaboração de nenhuma obra desenvolvida de síntese e sistematização do assunto, e mesmo os artigos e notas que sobre ele apareceram são em pequeno número, ao contrário do que aconteceu, por exemplo, na vizinha Espanha. Quando se realizou em Lisboa, em 1980, o II Colóquio Ibérico de Geografia, na secção relativa ao «Pensamento Geográfico», a par de 8 comunicações espanholas, apenas foi apresentada uma portuguesa, da autoria de António Gama, enquanto

no III Colóquio, reunido em Barcelona, em 1983, uma secção equivalente, sobre «A Evolução do Pensamento e os Métodos da Geografia», contou apenas com contributos de geógrafos espanhóis.

No entanto, desde cedo, nesta fase da evolução da Geografia humana em Portugal, começaram a ser explicitadas estas correntes metodológicas, de acordo com as quais aquela se considera frequentemente integrada no âmbito das Ciências Sociais. Assim, Jorge Gaspar, no artigo que publicou sobre os portos fluviais do Tejo (1970), introduziu preliminarmente a ideia de que partiria dum esquema teórico para articular a sua investigação: «A análise a partir do zero, sem qualquer conceito ou esquema pré-estabelecido, não existe, nem deveria mesmo ser aconselhada. O pesquisador necessita, ao iniciar o estudo de um problema, dispor de um corpo teórico que lhe permita sistematizar as observações e atingir conclusões. (...) Utilizámos um esquema teórico de base locacional como método de base no estudo da organização do espaço agrário a partir de Lisboa, em função do mercado que representa a principal aglomeração do País» (p. 169-171). E precisou o papel assumido pelos dados ecológicos na atitude locacional de interpretação: «aparecem como uma parte da análise, como elementos de ajustamento do modelo e explicativos de algumas distorções nele operadas; mas nunca como a base ideológica da atitude científica» (p. 169-170). Mais tarde, o mesmo autor apresentaria uma dissertação de doutoramento sobre a área de influência de Évora, largamente baseada nos princípios teóricos da hierarquia dos lugares centrais (1972).

A bibliografia portuguesa dos últimos 20 a 25 anos, no âmbito da Geografia humana, é tão vasta que se torna difícil dar uma ideia da diversidade dos trabalhos concretizados. Indicam-se apenas alguns, meramente a título de exemplo, tanto quanto possível agrupados tematicamente.

Haverá que salientar, antes de mais nada, a continuidade das investigações de O. Ribeiro, numa linha de orientação a que J. Gaspar (1985, p. 322) chama justificadamente ecológico-histórica. Sem descurar a análise dos condicionamentos físicos, conforme ficou dito atrás, aquele autor concede particular atenção aos mecanismos de génese da paisagem humanizada, o que leva a conceder relevância à História, como ciência vizinha da Geografia humana. Repetidas vezes tem procurado rastrear no tempo as marcas da actividade humana inscritas na superfície da Terra e, através deste estudo, encontrar elementos fundamentais da sua interpretação, ou o fio condutor que permite a sua compreensão aprofundada. Nota-se-lhe também a predilecção pela análise dos elementos

de algum modo fixos da paisagem humanizada, a preocupação de traçar os grandes quadros estáveis da mesma. «A maioria dos geógrafos é particularmente sensível ao ritmo das transformações técnicas, sociais e económicas por que o mundo está passando (...). Cada vez se me vai delindo mais a curiosidade que suscitam, em proveito de indagações do 'permanente', do desejo de pôr a descoberto as raízes profundas do mundo de hoje» (1970, p. 52). Nesta linha de orientação se situa o livro sobre as áreas mediterrâneas (1968a), concebido com amplo suporte histórico, sensível também, a par do aprofundamento de comparações significativas entre civilizações de diferentes níveis, num amplo artigo sobre as paisagens agrárias da América tropical (1967) e na obra relativa à colonização de Angola (1981).

Esta preocupação de fazer assentar a compreensão dos factos de Geografia humana numa detalhada análise da evolução histórica é também notória em diversos trabalhos do autor da presente comunicação, como algumas tentativas de síntese da Geografia humana do conjunto do país (a mais recente em versão castelhana, 1988) e, designadamente, aquele em que se estudam em pormenor os problemas da colonização da área planáltica do sudoeste de Angola (1976). Neste livro consideram-se, segundo a perspectiva ecológico-histórica aludida, os diversos temas que constituem o âmbito da Geografia humana. O mesmo acontece no minucioso estudo que Carminda Cavaco dedicou à área oriental do Algarve (1976) e também no de Maria Alfreda Cruz sobre o território que se estende para sul do estuário do Tejo (1973), embora neste avulsem naturalmente as referências aos processos de urbanização e de crescimento industrial. Com orientação um tanto diferente, insere-se ainda no quadro dos estudos regionais de Geografia humana o recente trabalho de Fernanda Delgado Cravidão sobre a Gândara (1988), onde se concede relevância, como o próprio título indica, aos problemas demográficos e do povoamento. Outros princípios metodológicos guiam as análises regionais de Jorge Gaspar, sobre a área de irradiação de Évora (1972), já citada, de Paula Bordalo Lema, sobre Trás-os-Montes (1980), e de Diogo de Abreu, sobre a chamada «região do Oeste», na Estremadura (1988). Em todas é muito sensível o recurso a técnicas estatísticas de análise pormenorizada dos fenómenos, em especial na terceira, concebida numa perspectiva de aplicação prática, tendo em vista a problemática do desenvolvimento da área estudada, enquanto as duas primeiras, conforme ficou dito a propósito do livro sobre Évora, se fundamentam na teoria dos lugares centrais.

Como parte, por vezes bem relevante, de estudos mais amplos de Geografia humana, ou como matéria de pesquisa individualizada, a Geografia histórica, numa linha já antiga de investigações, deu origem ao aparecimento de trabalhos diversos, como o conjunto dos de Orlando Ribeiro sobre a formação de Portugal (reunidos em volume, 1987a), o de Suzanne Daveau, sobre Coruche e os itinerários entre Évora e o Ribatejo (1984), o de Carlos Alberto Medeiros, sobre o país no seu conjunto entre meados dos séculos XV e XVI (1986), o de João Carlos Garcia, sobre o sudoeste da Península Ibérica na época da Reconquista (1986). Este mesmo autor, em colaboração com Pedro Cabral Teles, procurou traçar um inventário bibliográfico quanto a este tema (1986).

Um trabalho de Suzanne Daveau, em colaboração com Júlia Galego, relativo ao numeramento de 1527-1532 (1986), constitui como que uma transição entre a Geografia histórica e a Geografia da população. No que se refere a esta última, não obstante a abundante produção bibliográfica com interesse para os geógrafos e elaborada por especialistas das ciências vizinhas, a verdade é que poucos contributos aprofundados se devem àqueles. Citem-se o de João Evangelista, que aproveitou comparativamente os dados dos recenseamentos, ao longo de um século, até ao de 1960 (1971), os de Jorge Arroiteia sobre a emigração (entre os quais, 1984), o de J. Gaspar, numa perspectiva actual e com análise das tendências de evolução (1987) e o de Maria Lucinda Fonseca, aprofundado, passando da escala do país à da Área Metropolitana de Lisboa (1988).

No âmbito da Geografia rural, de tradições bem mais sólidas e antigas entre nós, salientam-se diversos trabalhos de Carminda Cavaco, que alargam o âmbito da pesquisa, sempre com a preocupação de quantificar os fenómenos estudados, com base nos elementos estatísticos mais detalhados que se vão divulgando (por exemplo, 1985). Mencionam-se ainda alguns estudos sobre a área de montanha (por exemplo, C. A. Medeiros, 1982, Isabel Medeiros, 1984), a dissertação de doutoramento de Rosa F.M. Silva, relativa ao Minho (1981) e a de Manuel Araújo, sobre as aldeias comunais de Moçambique (1988), esta também de âmbito demográfico.

O estudo da indústria, entre outras razões, pelas próprias características económicas do país, só recentemente tem suscitado investigações diversas, algumas em curso, devendo aqui referir-se as dissertações de doutoramento de João Ferrão (1985) e de Lucília Caetano (1985).

O estudo das cidades, embora amplamente incrementado na última vintena de anos, figurava com antecedentes significativos. De 1968 data o trabalho de Ilídio do Amaral sobre Luanda, no qual se detectam influências da Geografia urbana anglo-saxónica do pós-guerra. O mesmo se pode dizer de duas dissertações de doutoramento posteriores, cujas autoras detalharam o tratamento estatístico dos mais variados elementos: a de Maria Clara Mendes, sobre o Maputo (1979), e a de Teresa Barata Salgueiro, sobre os mecanismos do mercado de habitação e o uso do solo na área suburbana de Lisboa, tomando como exemplo dois concelhos da mesma (1983). Entretanto, J. M. Pereira de Oliveira publicara um volumoso estudo, sobre as condições naturais e a morfologia urbana do Porto (1973), e J. Gaspar dava também a conhecer as suas investigações de Geografia urbana, em especial sobre Lisboa (por exemplo, 1976 e 1979). A alguns aspectos desta cidade dedicou Raquel Soeiro de Brito um estudo de conjunto (1985). Não pode deixar de mencionar-se aqui também o denso trabalho em que o geógrafo francês François Guichard alarga o estudo do Porto ao da sua área de influência (1983), reunindo uma massa considerável de informações, que se pode incluir também na temática da análise dos sistemas regionais, acima apresentada.

Outros ramos da Geografia humana tiveram em Portugal desenvolvimento mais tardio ou deram origem a menor número de investigações. É o caso da Geografia política, em larga medida por motivos já referidos, pelo menos no que respeita à Geografia eleitoral, que teve um surto considerável após o 25 de Abril de 1974, havendo a registar, como ponto de partida, o trabalho de Jorge Gaspar e Nuno Vitorino, publicado logo em 1976 e aproveitando os resultados das primeiras eleições democráticas realizadas no país desde 1926. Entretanto, o estudo da fronteira atraía alguns investigadores (por exemplo, Carminda Cavaco, 1973). Também Ilídio do Amaral teve ocasião de se debruçar sobre o estudo da fronteira sul de Angola (1981a). Quanto ao turismo, apesar da relevância que assumiu no nosso país em termos económicos e geográficos, e aos transportes, não abundam os trabalhos da autoria de geógrafos; mencionem-se, no que se refere ao primeiro, os de Carminda Cavaco (por exemplo 1980a e 1980b), e, em relação aos segundos, o de Jorge Gaspar (1970), já referido, o de Maria Fernanda Alegria (1987), situado na transição para o âmbito da Geografia histórica, e alguns de Teresa Barata Salgueiro, por exemplo 1987.

Entretanto, novas linhas de pesquisa em Geografia humana têm sido exploradas em anos recentes, como as que dizem respeito a difusão

de inovações, telecomunicações, serviços e desenvolvimento regional; foram já publicados resultados destas investigações, enquanto outras continuam em curso.

A colaboração de geógrafos estrangeiros no estudo de temas portugueses tem-se mantido permanente e frutuosa: entre outros, e para além dos que já se citaram, refiram-se os nomes de Michel Drain, Bodo Freund e Christopher Jensen-Butler.

No seu conjunto, a Geografia humana portuguesa denota actualmente sinais evidentes de vitalidade. São disso testemunho as investigações aprofundadas que têm sido conduzidas, por investigadores em número cada vez maior, no âmbito de ramos muito diversificados e com recurso a técnicas por vezes bem sofisticadas; saliente-se também o facto de os geógrafos terem encontrado novos rumos profissionais, sem contar com o ensino, que detinha a exclusividade até há bem pouco tempo e continua a prevalecer largamente (segundo J. Gaspar, haveria em 1981 cerca de 10% de geógrafos com grau universitário que trabalhavam fora daquele sector, por exemplo na administração e planeamento, quer em empresas públicas, quer nas privadas; veja-se 1985, p. 324). No entanto, estas solicitações, depois duma fase inicial mais intensa, parece terem abrandado ultimamente.

No quadro de trabalhos especializados dos nossos dias, vão-se esbatendo limites cada vez mais imprecisos com as ciências mais próximas, que se debruçam sobre os mesmos problemas. É claro que este fenómeno está longe de ser específico de Portugal e também não é novo, nem, à primeira vista, prejudicial. Não escrevia já Amorim Girão, em 1934, que «esforço quimérico será (...) pretender delimitar o campo de investigações entre a geografia humana e as ciências sociais»? (*Biblos*, X, p. 485). Mas a verdade é que, desdobrada por temas cada vez mais específicos, repuxada por solicitações e tendências nem sempre bem definidas ou enquadradas por directrizes metodológicas seguras, a Geografia humana corre o risco de se fragmentar e de perder a sua individualidade: e esse risco coexiste paradoxalmente — ou talvez não — com os sinais de vitalidade a que se aludiu. São de O. Ribeiro as seguintes considerações: «Tenho presente o carácter convencional e arbitrário dos confins científicos e aceito sem custo que se dê maior importância à compreensão dos fenómenos, nas suas conexões complexas, do que ao isolamento deles em respeito de limites que se não sabem ou se receiam transpor, mas na educação científica, certa formação imprime um cunho ao espírito e toda a disciplina compreende necessariamente a sujeição

a certas regras e a aceitação de certos modos de ver» (1986, p. 15). A lição do Mestre assume flagrante actualidade no actual quadro de investigações em Geografia humana e deve ser objecto de reflexão por parte daqueles que as levam a cabo.

Bibliografia

- ABREU, D. de (1988) — *Desenvolvimento Regional no Oeste. Problemas e Métodos*, Lisboa (polic.).
- ALEGRIA, M. F. (1987) — *A Organização dos Transportes em Portugal (1850-1910). As Vias e o Tráfego*, Lisboa (polic.).
- AMARAL, A.; AMARAL, I. do (1984) — *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro*, Centro de Estudos Geográficos (G. E. G.), Lisboa.
- AMARAL, I. do (1968) — *Luanda (Estudo de Geografia Urbana)*, Lisboa.
- (1981a) — «Entre o Cunene e o Cubango, ou A Propósito de uma Fronteira Africana». *Garcia de Orta*, Sér. Geog., Lisboa, 6 (1-2), p. 1-50.
- (1981b) — «Notas Acerca do Ensino e da Investigação Científica em Geografia em Portugal». *I Colóquio Ibérico de Geografia*, Salamanca, p. 23-33.
- (1983) — «Geógrafos e Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa». *Revista da Faculdade de Letras*, número especial (cinquentenário), Lisboa, p. 68-82.
- ARAÚJO, M. (1988) — *O Sistema das Aldeias Comuns em Moçambique. Transformações na Organização do Espaço Residencial e Produtivo*, Lisboa (polic.).
- ARROTEIA, J. (1984) — *A Emigração Portuguesa*, Lisboa.
- BIROT, P. (1950) — *Le Portugal. Étude de Géographie Régionale*, Paris.
- BRITO, R. S. de (1976) — *Lisboa. Estudo Geográfico*, Lisboa.
- CAETANO, L. de J. (1985) — *A Indústria no Distrito de Aveiro. Análise Geográfica Relativa ao Eixo Rodoviário Principal (E. N. N.º 1) entre Malaposta e Albergaria-a-Velha*, Coimbra (2 vols.; polic.).
- CARVALHO, A. F. de (1929) — «Portugal». *Geografia Universal. Descripción Moderna del Mundo*, t. III «España y Portugal», Barcelona, p. 521-587.

- CAVACO, C. (1973) — *A Região de Fronteira do Rio Minho*, C. E. G., Lisboa (polic.).
- (1976) — *O Algarve Oriental. As Vilas, o Campo e o Mar*, Faro (2 vols.).
- (1980a) — *Turismo e Demografia no Algarve*, Lisboa.
- (1980b) — «Turismo em Portugal. Aspectos Evolutivos e Espaciais». *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 40-41-42, Lisboa, p. 191-280.
- (1985) — *Agricultura a Tempo Parcial. Contribuição para o seu Estudo na Região de Lisboa*, Oeiras.
- CRAVIDÃO, F. D. (1988) — *A População e o Povoamento da Gândara (Génese e Evolução)*, Coimbra (polic.).
- CRUZ, M. A. (1973) — *A Margem Sul do Estuário do Tejo. Factores e Formas de Organização do Espaço*, Montijo.
- DAVEAU, S. (1984) — «Géographie Historique du Site de Coruche, Étape sur les Itinéraires entre Évora et le Ribatejo». *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª sér., n.º 2, Lisboa, p. 115-135.
- DAVEAU, S.; GALEGO, J. (1986) — *O Numeramento de 1527-1532. Tratamento Cartográfico*, C. E. G., Lisboa.
- EVANGELISTA, J. (1971) — *Um Século de População Portuguesa (1864-1960)*, Lisboa.
- FERNANDES, J. G. (1985) — *Terceira (Açores). Estudo Geográfico*, Ponta Delgada (polic.).
- FERRÃO, J. (1965) — *Indústria e Valorização do Capital. Uma Análise Geográfica*, C. E. G., Lisboa (polic.).
- FERREIRA, A. B.; GASPAR, J.; MEDEIROS, C. A. (1986) — «Notas em Torno do Desenvolvimento da Geografia em Portugal». *Anales de Geografia de la Universidad Complutense*, n.º 6, Madrid, p. 63-79.
- FERRO, G. (1956) — *L'Algarve. Monografia Regionale*, Génova.
- FONSECA, M. L. (1988) — *População e Território. Do País à Área Metropolitana*, Lisboa (polic.).
- GARCIA, J. C. (1986) — *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa.
- GARCIA, J. C.; TELLES, P. C. (1986) — *Os Estudos Geográficos na Geografia Histórica de Portugal. Notas Bibliográficas (1918-1985)*, C. E. G., Lisboa (polic.).

- GASPAR, J. (1970) — «Os Portos Fluviais do Tejo». *Finisterra*, Lisboa, V-10, p. 153-204.
- (1972) — *A Área de Influência de Évora. Sistema de Funções e Lugares Centrais*, C. E. G., Lisboa.
- (1976) — «A Dinâmica Funcional do Centro de Lisboa». *Finisterra*, Lisboa, XI-21, p. 37-150.
- (1979) — *Zentrum und Peripherie in Ballungsraum Lissabon*, Kassel.
- (1985) — «Portuguese Human Geography: From Origins to Recent Developments». *Progress in Human Geography*, Londres, vol. 9, n.º 3, p. 315-330.
- GASPAR, J.; VITORINO, N. (1976) — *As Eleições do 25 de Abril. Geografia e Imagem dos Partidos*, Lisboa.
- GASPAR, J.; GAMA, A. (1981) — «Perspectivas da Geografia Humana em Portugal: Ensino, Investigação e Carreiras». *I Coloquio Ibérico de Geografia*, Salamanca, p. 67-76.
- GASPAR, J. (e colaboradores) (1987) — *Ocupação e Organização do Espaço. Análise Retrospectiva e Tendências Evolutivas em Portugal. Os Próximos 20 Anos*, vol. I, Lisboa.
- GIRÃO, A. AMORIM (1922) — *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*, Coimbra.
- (1925) — *Viseu. Estudo de uma Aglomeração Urbana*, Coimbra.
- (1936) — *Lições de Geografia Humana*, Coimbra.
- (1941) — *Geografia de Portugal*, Porto (3.ª ed., 1960).
- (1945) — «Origens e Evolução do Urbanismo em Portugal». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, Lisboa, I, p. 39-78.
- (1946) — *Geografia Humana*, Coimbra.
- GUICHARD, F. (1983) — *Porto, la Ville dans sa Région. Contribution à l'Étude de l'Organisation de l'Espace dans le Portugal du Nord*, Bordéus (polic.).
- LAUTENSACH, H. (1932-37) — *Portugal auf Grund eigener Reisen und der Literatur*, Gotha (2 vols.).
- LEMA, P. (1980) — *Desenvolvimento das Funções Centrais em Trás-os-Montes*, Lisboa (polic.).
- MARTINS, A. FERNANDES (1940) — *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego. Ensaio Geográfico*, Coimbra.
- (1951) — «Esta Coimbra ... — Alguns Apontamentos para uma Palestra», separata do *Boletim Comemorativo do Clube Desportivo de Celas*, Coimbra.

- MEDEIROS, C. A. (1969) — «Acerca da Ocupação Humana das Ilhas Portuguesas do Atlântico». *Finisterra*, Lisboa, IV-7, p. 95-125.
- (1976) — *A Colonização das Terras Altas da Huíla. Estudo de Geografia Humana*, C. E. G., Lisboa.
- (1982) — *Sistemas de Cultura, Estruturas Agrárias e Evolução Demográfica na Montanha do Norte da Beira*, C. E. G., Lisboa (polic.).
- (1986) — «Sur Quelques Traits de la Géographie Historique du Portugal du Milieu du XV^e Siècle au Milieu du XVI^e Siècle». *Anali della Facoltà di Scienze Politiche. Università degli Studi di Genova*, anno XI-XIII, tomo III, p. 231-248.
- (1988) — *Geografia Humana de Portugal*, Barcelona.
- MEDEIROS, I. (1984) — *Estruturas Pastoris e Povoamento na Serra da Peneda*, C. E. G., Lisboa (polic.).
- MENDES, M. C. (1979) — *Maputo Antes da Independência. Geografia de uma Cidade Colonial*, C. E. G., Lisboa (polic.).
- OLIVEIRA, J. M. PEREIRA de (1973) — *O Espaço Urbano do Porto. Condições Naturais e Desenvolvimento*, Coimbra.
- (1985) — «In Memoriam». *Cadernos de Geografia*, Coimbra, n.º 4, p. 140-145.
- RIBEIRO, O. (1938) — «Le Site et la Croissance de Lisbonne». *Bulletin de l'Association des Géographes Français*, Paris, 115, p. 99-103.
- (1945) — *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas*, Coimbra (5.ª ed., Lisboa, 1987).
- (1955) — *Portugal*, tomo V de *Geografia de Espanha e Portugal* (dir. Manuel de Terán), Barcelona.
- (1961) — *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*, Lisboa.
- (1963a) — «Agricultura». *Dicionário de História de Portugal* (dir. Joel Serrão), vol. I, Lisboa, p. 60-67.
- (1963b) — «Aldeia». *Idem*, p. 85-89.
- (1963c) — «Cidade». *Idem*, p. 574-580.
- (1967) — «Paisagens Rurais da América Tropical. Ensaio de Geografia Comparada». *Finisterra*, Lisboa, II-3, p. 39-76.
- (1968a) — *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, Lisboa.
- (1968b) — «Milho». *Dicionário de História de Portugal*, cit., vol. III, p. 58-64.
- (1970) — *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, volume primeiro, Lisboa.
- (1971) — «Povoamento». *Dic. de História de Portugal*, cit., vol. IV, p. 466-485.

- (1976) — «Silva Telles, Introdutor do Ensino da Geografia em Portugal». *Finisterra*, Lisboa, XI-21, p. 12-36.
- (1981) — *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*, Lisboa.
- (1986) — *Iniciação em Geografia Humana*, Lisboa.
- (1987a) — *A Formação de Portugal*, Lisboa.
- (1987b) — *Introdução ao Estudo da Geografia Regional*, Lisboa.
- SALGUEIRO, T. B. (1983) — *Mercado de Habitação e Estrutura Urbana na Área Suburbana de Lisboa*, Lisboa (polic.).
- (1987) — «Os Transportes no Desenvolvimento das Cidades Portuguesas». *Povos e Culturas*, Lisboa, 2, p. 113-144.
- SILVA, R. F. M. da (1981) — *Paisagem Agrária das Planícies e Colinas Minhotas (Contrastes e Mutações)*, Porto (polic.).
- TABORDA, V. (1932) — *Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*, Coimbra.
- TELLES, F. S. (1908) — «Portugal — Introdução Geográfica». *Notas Sobre Portugal*, vol. I, p. 1-55.
- (1916) — «O Conceito Científico da Geografia». *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 40, p. 109-236.
- (1929) — «Aspectos Geográficos e Climáticos». *Portugal. Exposição Portuguesa de Sevilha*, vol. II, Lisboa (95 p.).

OBSERVAÇÃO

Para não alongar ainda mais esta lista bibliográfica, já de si extensa, indicam-se apenas as primeiras edições das obras citadas, excepto num ou noutro caso considerado mais relevante. Alguns dos trabalhos policopiados que constituem dissertações de doutoramento, e cuja data de aparecimento se considera sobretudo significativa, foram posteriormente impressos ou estão em vias de o ser. Tenha-se sempre em vista que os trabalhos aqui indicados, para além dos que se referem directamente ao tema da presente comunicação, dão apenas uma amostra reduzida das investigações realizadas nos vários ramos da Geografia humana; outros exemplos se poderiam decerto, pertinentemente, citar.